

247

4468

326

4

SEM-TERRA/RESERVA

Índios soltam reféns em troca de desocupação da reserva no PR

Os sem-terra só foram libertados após a polícia garantir a segurança da reserva

EVANDRO FADEL

Da Agência Estado - Curitiba

Os índios caingangues da reserva Barão de Antonina, em São Jerônimo da Serra, a cerca de 300 quilômetros de Curitiba, no norte do Paraná, libertaram ontem, às 18 horas, os quatro sem-terra que eram mantidos como reféns desde terça-feira à tarde. Pela manhã dois oficiais de Justiça já tinham conseguido convencer os outros sem-terra que ocupavam parte da reserva a deixar o local, no cumprimento de uma ordem de reintegração de posse, que tinha sido expedida em maio pela Justiça Federal. Os oficiais contaram com o apoio de cerca de 100 homens da Polícia Militar de Cornélio Procopio.

Os índios só concordaram com a libertação dos reféns depois que o comandante do 18º Batalhão de Cornélio Procopio, Nilton Bronemann, garantiu a colocação de policiais para fazer a segurança da reserva. O chefe da Funai na reserva, Luiz Alan, disse que o policiamento vai permanecer até que os índios consigam recursos junto ao governo estadual para ocupar a área invadida com casas, estendendo o núcleo da aldeia. "A gente vai fazer tudo para ocupar aquele espaço que não estávamos ocupando", disse Alan.

Essa área já foi invadida várias vezes por ex-posseiros, mas somente agora os índios conseguiram a garantia de segurança.

Concedida reintegração de posse a áreas invadidas

Da Agência Estado - Curitiba

A justiça paranaense concedeu ontem liminar de reintegração de posse para os proprietários de duas fazendas ocupadas por sem-terra no Estado. Uma delas é a Gleba Pinhal Ralo, pertencente à empresa Giacomel Marodin, onde está uma das maiores ocupações do País, com aproximadamente 3 mil famílias de sem-terra. A decisão judicial não deve atrapalhar as negociações que a empresa vem tendo com o Incra, com o intuito de vender parte da fazenda para fins de reforma agrária. A outra fazenda beneficiada com liminar é a Jangadinha, pertencente ao Banco do Estado do Paraná (Banestado).

A Justiça Federal tinha concedido liminar de reintegração de posse, mas o governo do Estado não colocou policiais para efetivar a ordem e tentava negociar uma retirada pacífica. Cerca de 80 famílias tinham aceitado as ponderações do secretário de Segurança Pública do Paraná, Cândido Martins de Oliveira, que prometeu a construção de uma Vila Rural no distrito de Pinhal. Mas outras 20 famílias recusavam-se a deixar o local.

Os ex-posseiros, que ocuparam a terra em meados da década

de 80, foram obrigados a deixar o local em 91, quando aquela área foi demarcada e entregue à jurisdição da Funai. Depois disso, eles passaram a invadi-la continuamente, provocando alguns confrontos com os índios. O último foi na madrugada de anteontem (17), quando houve troca de tiros, numa tentativa dos sem-terra de libertar os reféns. Ninguém saiu ferido. Segundo Alan, os sem-terra foram detidos porque tinham chegado perto das residências dos índios e mostravam os facões que traziam na cintura.

O líder do Movimento dos Sem Terra, Ireneo dos Santos, disse ontem que a decisão da juíza pegou a todos "de surpresa". "Estão acontecendo as negociações através do governo federal, sendo que o Incra está acabando de fazer

uma vistoria na área para tirar o valor da terra", afirmou. "Sem dúvida nenhuma nós não iremos sair da área, pois não tem para onde ir cerca de 12 mil pessoas que se encontram no local."

A outra liminar foi concedida pelo juiz de Cascavel, Sidney Francisco Martins, em benefício do Banestado, proprietário da Fazenda Jangadinha, em Cascavel. A fazenda foi invadida há dez dias por cerca de 100 famílias. Ela foi entregue ao Banestado como pagamento de dívidas. Os sem-terra pedem que a fazenda seja incorporada ao patrimônio da União para fins de reforma agrária. "Nós não entendemos porque o banco precisa de terra", disse Ireneo dos Santos.

Na reserva Barão de Antonina vivem cerca de 500 caingangues, mas outros índios tinham chegado à aldeia para reforçar a segurança. Na manhã de ontem os sem-terra ainda resistiam para deixar o acampamento e só concordaram porque estavam ocupados com a preservação da vida dos reféns. O coronel prometeu que negociaria com os índios a libertação deles. Os sem-terra que abandonaram a reserva indígena montaram as barracas em uma fazenda particular a cerca de 500 metros do acampamento antigo.